



EXPERIÊNCIAS DE PERUANA NO PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Angie Edell Campos Lazo
Mestranda

2º ano do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário
Campus de Irati
Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO

Meu nome é Angie Edell Campos Lazo, sou afrodescendente, de nacionalidade peruana e atualmente estou no segundo e último ano do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário na UNICENTRO. Moro no Brasil desde o ano 2016. Cheguei sem ter previamente aceitação de alguma universidade, mas sim com um objetivo fixo: fazer o meu mestrado aqui e desenvolver a minha pesquisa com as mulheres afro-brasileiras.

No meu país sou uma ativista pelos direitos da população afro-peruana, feminista e muito comprometida com as ações sociais e políticas para a visibilidade da minha população. Nesse sentido, o Brasil é um país que tem muita experiência e muitos triunfos na luta da população negra e para mim é importante o fato de aprender dos processos sociais aqui, assim como aprender das importantes experiências das mulheres negras ativistas no país. Por isso, o fato de renunciar a esse sonho não era negociável, eu ia continuar lutando e viajando pelo Brasil inteiro se for preciso.

Achei o meu programa do mestrado pela plataforma de CAPES, e comecei a me contatar com as professoras do Programa para ver a possibilidade de apresentar o meu projeto de pesquisa e fazer o processo de seleção do programa. Cheguei em Irati com o português aprendido pelos tutoriais de *youtube*, com muita vontade, fiz a prova de seleção e finalmente ingressei com boas qualificações e com muita emoção por começar esta aventura.

A minha experiência na cidade de Irati é muito boa, muito diferente do que se fala que “é o Brasil”. Em Irati não tem samba, não tem calor o tempo todo, não tem muita cultura afro-brasileira, não tem muito movimento juvenil... mas o que encontrei em Irati foi emocionante: pessoas acolhedoras, comida muito boa, diversidade cultural na origem do povo, culturas e costumes específicas de diferentes povos. Por isso, repito, encontrei e conheci culturas e tradições, e obtive o olhar de um Brasil diferente do que se fala na mídia, mas um olhar de um Brasil muito rico e diverso!

No plano acadêmico, fiquei muito surpreendida com a importância que se dá para as pesquisas e para a produção acadêmica, de escrever artigos e apresentar em espaços científicos assim como em revistas nacionais e internacionais. Foi um espaço novo no que aprendi e me desenvolvi com muita vontade e interesse, muito diferente com a



realidade no meu país, que não se investem recursos nem se promove a pesquisa e desenvolvimento acadêmico, muito menos nas áreas sociais e humanas. Tive a oportunidade de apresentar os meus artigos e pesquisas para diferentes revistas em espanhol e português, o qual foi muito enriquecedor, sobretudo para experimentar e fortalecer os meus conhecimentos no espaço acadêmico.

A pesquisa que desenvolvo procura conhecer como a participação de uma mulher negra sulista em uma organização social de mulheres afro-brasileiras no sul do Brasil pode auxiliar a mudar a vida dessas mulheres negras, quanto à mudança na percepção dessas mulheres e como ela é percebida pela sociedade depois de desenvolver uma liderança e ativismo social. Para mim, como liderança, ativista e pesquisadora é importante registrar esse impacto e dinâmica para o movimento negro aqui no Brasil e também nos outros países irmãos da América Latina.

Achava que o meu mestrado ia me dar as ferramentas para fazer a minha pesquisa, mas o que deu-me foi muito mais, o fato do meu programa ser interdisciplinar abriu muitas outras possibilidades de pesquisa e de temas que eu posso explorar, a troca de experiências mesmo entre as outras mulheres do movimento negro brasileiro é um aprendizado muito importante para o meu desenvolvimento como pesquisadora e como liderança da minha comunidade afro-peruana.

Estou na última fase do mestrado e sinto que não sou a mesma Angie que começou esta experiência, aprendi muito morando sozinha num país muito diferente, com uma língua e costumes diferentes, e com a responsabilidade com a minha pesquisa e o meu povo, tenho comigo agora muita mais vontade de continuar esta caminhada da pesquisa seguir desenvolvendo-me como pesquisadora e ativista, com muito compromisso e respeito pelas diversidades.

O Brasil abriu-me as portas e eu tenho todas as experiências asseguradas no meu coração, aqui foi onde tornei-me pesquisadora.

*Out of the huts of history's shame, I rise
Up from a past that's rooted in pain, I rise
I'm a black ocean, leaping and wide,
Welling and swelling I bear in the tide.
Leaving behind nights of terror and fear, I rise
Into a daybreak that's wondrously clear, I rise
Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave.
And so, naturally, there I go rising...
(Maya Angelou)*